

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

## **EDUCAÇÃO E A PERGUNTA PELO OUTRO<sup>1</sup>** **EDUCATION AND THE QUESTION FOR THE OTHER**

**Leandro Renner De Moura<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Ensaio teórico desenvolvido no curso de Doutorado em Educação nas Ciências da Unijuí

<sup>2</sup> Doutorando em Educação nas Ciências na Unijuí.

### **Resumo**

Sob o eixo temático “Educação e Diversidade”, o presente artigo visa refletir “a pergunta pelo outro” nas práticas educativas. Através de estudo qualitativo, de revisão hermenêutico-bibliográfica, buscou-se interagir com pensadores da perspectiva sociológica e de gêneros, a fim de pensar os desafios que se colocam à escola contemporânea nos temas da alteridade, da inclusão e da solidariedade. A pergunta pelo outro na Educação escolar é um convite para (re)pensarmos nossa pertença, e sobretudo, o que julgamos ser prioridade refletir para o futuro das relações humanas e para o constante progresso da espécie. O debate em torno da reafirmação de gêneros e diferenças no contexto das interações educativas é sempre necessário, uma vez que culturas e tradições produzem ao longo do tempo normas e discursos que se confundem na complexidade do mundo da vida. Por isso, talvez seja nas microrrelações quase invisíveis, onde descobrimos nosso inacabamento como seres humanos, e o quanto temos a evoluir no que atine a conviver e entender-se com os outros.

### **Abstract**

Under the theme "Education and Diversity", this article aims to reflect "the question for the other" in educational practices. Through a qualitative study, a hermeneutic-bibliographical review, we sought to interact with thinkers from the sociological and gender perspectives, in order to think about the challenges facing the contemporary school in the themes of alterity, inclusion and solidarity. The question for the other in school education is an invitation to (re) think our belonging, and above all, what we think is a priority to reflect for the future of human relations and for the constant progress of the species. The debate over the reaffirmation of genders and differences in the context of educational interactions is always necessary as cultures and traditions produce over time rules and discourses that blend into the complexity of the world of life. That is why it may be in the almost invisible micro-relations, where we discover our unfinishedness as human beings, and how much we have to evolve in terms of living and understanding with others.

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

**Palavras-chave:** Educação. Diversidade. Alteridade. Pergunta pelo outro

**Keywords:** Education. Diversity. Otherness. Ask for the other

## 1 INTRODUÇÃO

*Uma das primeiras respostas que nossa herança nos sugere é que, na realidade, não estamos perguntando pela educação, mas pela insistência obstinada e pela instabilidade de suas mudanças e de suas transformações, quer dizer, nos perguntamos talvez para adiar, segurar e capturar aquilo que pensamos que é a educação (SKLIAR, p. 39, 2003).*

“A educação e a pergunta pelo Outro”, mote inspirado no escritor Carlos Skliar, induz-nos a pensar dilemas, ainda insistentes, quanto à condição da escola como espaço das diferenças. Para o autor, há uma visão estética, ou simbólica sobre a imagem do outro tida em nossas lentes a qual precisa ser rompida, para assumi-lo como sujeito histórico, isto é, pensar o outro também na sua historicidade e experiência no mundo. Em regra, como bem coloca Skliar (2003), evitar uma “renovada banalização” do que se entende por diferenças, diversidade e alteridade no chão das práticas educativas.

O escritor problematiza “a mudança educativa” como uma reforma, intimamente ligada ao que somos como docentes. Ou seja, essa reforma vai mergulhar em tudo aquilo que produzimos como imagem de uma ação pedagógica, segundo Skliar (2003) uma “maquiagem sobre maquiagem”. É provável, que essa utopia seja invisível ou intransparente, isto é, não mostra-se a nível de agirmos para mudá-la.

Essa questão, conforme Skliar, sucumbe “olhares ao redor do outro”, ou, em simples palavras, reduz chances de aproximação, de comunicação e reconhecimento da história do outro. Cria-se dessa maneira a produção de uma ideia distorcida sobre a diversidade nos espaços educativos, rígida e resistente, a ponto de discursivizar um fenômeno que tem seus desdobramentos nas relações pessoais e coletivas e dificilmente atenderão a uma descrição verdadeira do discurso que totaliza uma percepção.

Por essa problemática, torna-se imperiosa a “pergunta pelo outro”. A expressão outros “outros”, visto desta figuração de linguagem, sugere novas/outras leituras sobre a diversidade. Questionar-se antes de questionar, subjetivar-se antes de subjetivar e rever-se antes de ver, talvez sejam critérios importantes para avaliar se realmente há uma determinação social em entender, aceitar ou tolerar e participar da pluralidade da experiência educativa.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

“Portanto Educação deve direcionar para a tolerância, para o diferente através do diálogo e respeito como solidariedade social”. A passagem de Bittar (2009) pode ser associada aos contextos de interação pluralizada/diferente, onde o papel dialogal comprova os compromissos com o outro; é o sinal de que um falante (visto aqui como um professor) necessita muito mais que a adesão dos interlocutores, mas da colaboração e da cooperação rumo ao entendimento. Este último, não acontece na arrogância e no preconceito, mas sim, na preocupação de sentir-se bem quando todos também sentem-se bem. Por isso, entendimento, respeito e cuidado, imagina-se serem as peças fundamentais para o reconhecimento das diferenças, e, quem garante, quando se dá de forma coordenada, o direito às diferenças.

Já, para Honneth (2003), na obra *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, há modos peculiares de inserção dos indivíduos e grupos sociais no mundo simbólico da vida, dentro do qual a luta por reconhecimento supostamente se dá em três modelos ético-afetivos: o amor, o direito, e a solidariedade.

Honneth (2003), inspirando-se no conceito de reconhecimento de Hegel, busca fundamentar a sua própria versão de teoria crítica. Segundo ele,

a luta pelo reconhecimento sempre inicia pela dura experiência do desrespeito, das formas de reconhecimento supracitadas. A autorrealização do indivíduo somente é alcançada quando há, na experiência de amor, a possibilidade de autoconfiança, na experiência de direito, o autorrespeito e, na experiência de solidariedade, a autoestima (2003, p. 39).

Com isso, pretende explicar as mudanças sociais por meio da luta por reconhecimento e propõe uma concepção normativa de eticidade a partir de diferentes dimensões de reconhecimento. Os indivíduos e os grupos sociais somente podem formar a sua identidade quando forem reconhecidos intersubjetivamente. Esse reconhecimento ocorre em diferentes dimensões da vida: no âmbito privado do amor, nas relações jurídicas, e na esfera da solidariedade social. Essas três formas explicam a origem das tensões sociais e as motivações morais dos conflitos.

A solidariedade e de certa forma o conceito de amor, última esfera de reconhecimento, remete à aceitação recíproca das qualidades individuais. Por meio dessa esfera, gera-se a autoestima, ou seja, uma confiança nas realizações pessoais e na absorção de capacidades reconhecidas pelos outros, sempre na dependência das contingências históricas.

Por outro prisma, ao analisar os contrapontos da teoria do reconhecimento de Axel Honneth e da teoria da alteridade de Emmanuel Levinas nota-se a importância do conceito ampliado de Alteridade, como abordagem interativa proporcionada pelo conceito de ética da responsabilidade do outro.

Trata-se, de modo geral, de teorias distintas em suas origens e particularidades. Apesar disso, a

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

teoria do reconhecimento de Honneth (2003) e a teoria da alteridade de Levinas (2002) detêm, em alguns aspectos, características em comum.

Enquanto Honneth afirma que os processos de mudança social devem ser explicados com referência às pretensões normativas estruturalmente inscritas na relação de reconhecimento recíproco, Levinas também se volta para a reciprocidade e para o respeito mútuo. Entretanto, o que se opõe no pensamento destes dois filósofos é a distinção entre os movimentos que ambos fazem em busca de tal reciprocidade. (2002, p. 25).

Ambas perspectivas passam pelo corrimão da linguagem, da relação aproximada entre sujeitos pertencentes a uma comunidade simbólica comum. Esses elementos passam pela normatividade, pela correção normativa implicada no reconhecimento recíproco, mas não encerrando as possibilidades de entendimento, integração e respeito consensualmente produzidas através da dialogia, da vontade de ouvir os demais como própria referência ao dito epistêmico, como constante exercício crítico de uma ética da responsabilidade pelo respeito e generosidade.

Não obstante, a partir do que afirmam os escritores, há uma “carência” - o que para nós significa incapacidade - no que diz respeito ao reconhecimento e a alteridade no horizonte da vida e da interação humana. Em Honneth (2003), “noções sobre a luta de vida e morte, o conflito social, o amor, o direito, a solidariedade”; e em Levinas (2002), “os conceitos de alteridade, totalidade, infinito, eu, outro, assassinato, ética, justiça”. Ingredientes para a formação de integrantes de uma sociedade plural, mestiça, portanto, diferentes.

Outra nobre contribuição para a pergunta pelo outro, pode ser refletida na obra “História da Sexualidade”, de Michel Foucault, em que recupera da modernidade uma característica típica das classes burguesas: a vaidade. Por longo espaço de tempo tudo o que não favorecia, ou não se alinhava aos padrões morais estabelecidos, de alguma forma seria colocado em um nível discursivo inferior, subversivo ou subjacente.

- n. início da modernidade, a repressão sexual existente aumentou, propondo diferentes formas de controle da população, no nível moral, a masturbação e a expressão sexual são condenadas e consideradas como anomalias que deveriam ser combatidas. O sexo é reduzido ao privado e com fim procriativo. À concepção de racionalidade e eficiência burguesa soma -se a produtividade. O sexo subjetivo, humano, prazeroso desaparece. O corpo é negado no trabalho e na repressão sexual. O “eu” corporal não existe; existem, sim, a civilidade e a máscara social. Sobre o sexo nasce a cultura da vergonha e do pecado em níveis tão profundos que nem mesmo a Idade Média tinha conseguido (NUNES, 1987,p.93).

Trata-se, em específico, de como a enunciação produzida em torno da sexualidade, desde o século XVII, passou por transformações, e também de que maneira o tema foi se libertando dos limites

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

postos pelas sociedades burguesas, dentro das quais todo assunto delicado, que beirasse a vulgaridade ou a obscenidade, seria reprimido. Esse foi o papel da linguagem neste período. Segundo Foucault, reduzir uma ideia ou imaginação à linguagem favorecia interesses em imobilizar entendimentos outros que fugissem ou escapassem da linha discursiva dominante. O papel da linguagem, para ele, ainda não representava a noção de consenso, com força racional para a deliberação, produzindo muito mais forças de representação das ideologias.

Na interface da questão, a duração de conceitos, crenças, verdades e adágios é incalculável, pode atravessar séculos e determinar as contingências sócio-históricas. Foucault considera a língua, neste hiato, como algo controlável, mesmo apesar de ser parte integrante do mundo da vida, pois sempre houveram meios de policiar os horizontes de compreensão, o que de certo modo potencializou a formação das concepções restritas sobre a sexualidade.

Diante disso, a revisão histórica de Foucault sobre o conceito de sexualidade reforça mudanças já percebidas na linguagem das sociedades ocidentais. Sexualidade é tema de grande interesse dos seres humanos desde sempre. Entender-se e reconhecer-se na e pela sexualidade tem sido uma necessidade particular da espécie humana, a qual tem cada vez mais sofisticado suas formas para conceituá-la, o que evidencia avanços interpretativos importantes, os quais caminham na direção da compreensão das diferenças e das particularidades.

A francesa Michelle Perrot, de perspectiva foucaultiana, percorre a linha subjacente da história para falar de um outro, ou especialmente das outras da histórica. Seu interesse no contexto de vida das mulheres francesas entre os séculos XIV e XX, sempre foi identificar os ruídos das narrativas nunca materializadas, nem pelo imaginário ou pelo senso comum, nem por qualquer historiografia.

Isso se dá, devido ao fato de Perrot (2005) jamais buscar num horizonte masculino uma explicação para a condição da mulher na França nesse período. Não se conforma com a visão preconceituosa e interessada que coloca as mulheres em planos de ação diferentes do homem na sociedade, na cultura e no trabalho.

Se por um lado, o século XIX buscou exaltar a força moral da mulher dentro do lar e da família, ele a temeu, pois acreditou que ela poderia atuar como um possível freio de uma desejada modernidade, devido às profundas relações que os homens acreditavam que ela possuía com a Igreja (2005, p. 27).

Buscando inspiração em Hannah Arendt e Michel Foucault, estuda o conceito de cidade e vê em seu espaço a contradição, as interseções e pequenas relações de resistência, quase invisíveis diante da alienação frutífera dos micros poderes estabelecidos.

O que chama atenção nas suas observações é justamente a forma como acredita poder ouvir o silêncio, numa metáfora com a ideia da força dos ruídos do silêncio na história. Através de diários,

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

cartas e outros registros da expressão feminina, Perrot (2005) reconstitui a história das excluídas, mergulhando em mágoas, tristezas, inconformidades e esperanças, de quem se tornou apenas um gênero, uma categoria, e que tem suas histórias contadas por àqueles que originalmente e conceitualmente as colocou em um lugar de submissão.

A visão de Perrot (2005), de certa forma, pode também causar ruídos no campo educacional, principalmente quando remete-se ao silêncio, para nós barulhento, de crianças perseguidas por suas características físicas e psicológicas. É ensurdecedor além disso a dissonância causada pela persistência dos preconceitos de raça, lugar, língua, etc. Perrot, certamente nos apresenta uma versão profunda do que convencionalmente vem sendo chamado de feminismo e, sobretudo nos põe em situação delicada, ao evidenciar uma possível incapacidade humana para entender as histórias silenciadas das gerações que perpassam a escola.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pergunta pelo outro na Educação escolar é um convite para (re)pensarmos nossa pertença, e sobretudo, o que julgamos ser prioridade refletir para o futuro das relações humanas e para o constante progresso da espécie. O debate em torno da reafirmação de gêneros e diferenças no contexto das interações educativas é sempre necessário, uma vez que culturas e tradições produzem ao longo do tempo normas e discursos que se confundem na complexidade do mundo da vida. Talvez sejam nelas, nas microrrelações, onde se descobre nosso inacabamento e o quanto temos a evoluir no que atine a conviver e entender-se com os outros.

As verdades humanas trazem no miolo uma diversidade de erros, quase sempre originando conflitos no meio social. Passou a ser convencional o raciocínio de que tais verdades aprofundaram perspectivas egocêntricas, corroborando para um individualismo e egoísmo sem precedentes, desconhecendo-se, contudo, a alteridade como noção fundamental do princípio que rege o conhecimento de si.

Com isso, está em jogo um esforço a caminho da (re)avaliação do pensamento. Nisso, há um fundo referencial guardado nas culturas e no modo como uma sociedade convive. Nada é gratuito na produção discursiva, pois somos dependentes da tradição que nos revela os sentidos para entender o mundo.

Assim, a pergunta pelo outra na educação presentifica novas percepções sobre as relações humanas, despertando-nos para a concreta experiência educativa na diversidade. Em regra, uma mudança de atuação social, quando amparada pelos princípios da alteridade e da solidariedade, deixará às gerações futuras produto simbólico significativo, capaz de alterar padrões comportamentais e estéticos, bem como redefinir papéis normativos na direção de um pluralismo ético, de equidade cidadã e de uma vida escolar livre de preconceitos.

### REFERÊNCIAS

**Evento:** XXII Jornada de Pesquisa

BITTAR, Eduardo C. B. **Reconhecimento e direito à diferença:** teoria crítica, diversidade e a cultura dos direitos humanos. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo v. 104 p. 551 - 565 jan./dez. 2009.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento:** a gramática moral dos conflitos sociais (Trad. Luiz Repa). São Paulo: Ed. 34, 2003.

LÉVINAS, Emmanuel. **De Deus que vem à ideia.** Petrópolis - RJ: Vozes, 2002.

PERROT, Michelle. Introdução. In: **As Mulheres e os silêncios da História.** Bauru: EDUSP, 2005, p.9-26

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade.** 5.ed. Campinas: Papyrus, 1987.

LI. Carlos. **A Educação e a pergunta pelos "Outros".** Ponto de Vista , Florianópolis, n.05, p. 37-49, 2003.